

A masculinidade *gangsta* e seus contornos

Henrique Restier da Costa Souza¹

Lançado em 2020 pela editora Devires, a 2ª edição do livro *Como fabricar um Gangsta: Masculinidades negras nos videoclipes de Jay-Z e 50 Cent*, do historiador Daniel dos Santos, é um desdobramento do #TheGangstaProject, projeto de pesquisa científica (UFBA) sobre as masculinidades negras na cultura Hip-Hop dos Estados Unidos da América, na transição dos séculos XX-XXI. O livro chega em um momento de grande efervescência no debate sobre gênero masculino, relações raciais, sexualidades, dentre outros marcadores sociais relevantes para a compreensão das dinâmicas que atravessam os homens negros. Nesse sentido, o homem negro nas reflexões do historiador Daniel dos Santos é figura central, produto e produtor recalcado do Colonial, com todos os seus sublimes e impiedosos apetrechos, dispositivos e ferramentas em lidar com o *Outro* do homem branco.

É nessa complexa trama de masculinidades complementares e rivais, carregadas de desejos, inveja e admiração entre homens negros e brancos que Daniel dos Santos se movimenta evocando o hip-hop norte-americano como matéria-prima para as suas reflexões. Mais precisamente a produção audiovisual, sobretudo os videoclipes de sua vertente *Gangsta*², com destaque para dois de seus expoentes: Jay-Z e 50 Cent. Sua escolha não é infundada, pois está em sintonia com seu principal

¹ Mestre em Relações Étnico-raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Professor de Sociologia no Bacharelado de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI-CEFET-RJ). henrique.masculinidades@gmail.com

² “*Gangsta Rap* é um termo criado pela mídia e pela indústria fonográfica para identificar o subgênero de rap que surgiu no fim da década de 1980 nos Estados Unidos...caracteriza a vertente mais extrema do rap, pelo fato de suas letras descreverem o cotidiano violento dos jovens e tenderem à crítica social, como também promoverem a promiscuidade, o vandalismo, a desobediência e o desrespeito às autoridades e instituições de poder” (SANTOS, 2020, p. 42)

objetivo, o de “analisar as imagens individuais de Jay-Z e 50 Cent para revelar suas masculinidades negras em seu próprio tempo. Compreende, portanto, um estudo das relações entre imagem e poder” (SANTOS, 2020, p. 34). Assim, sua atenção se volta para o regime iconográfico de representação sobre os homens negros no recorte proposto.

Para acessar tal regime os referenciais teóricos *Pós-Colonial* e *Queer* foram de grande valia, visto que tensionam e complexificam as perspectivas historiográficas, e outras, das Masculinidades Negras, ao incorporar leituras críticas sobre processos de colonialidade e fobias sexuais na composição da masculinidade *Gangsta* e de seus interlocutores. Apesar do arcabouço teórico em tela, foram usados rappers (Kendrick Lamar) e cineastas (Jordan Peele) como intelectuais, algo não muito usual em trabalhos acadêmicos, imprimindo um caráter político à obra. Metodologicamente, a abordagem genealógica foi a escolhida, pois, segundo o autor, ela teria a vantagem de melhor identificar os elementos que propiciaram a formação do regime iconográfico de representação sobre os homens negros no pós-abolição norte-americano.

Ademais, esta postura metodológica contribuiria para investigar as mudanças, continuidades e subversões nesse regime. Desse modo, tanto os mecanismos do sistema de representação racial como o agenciamento das imagens produzidas pelos homens negros são objetos de investigação do autor. As fontes usadas para isso foram os videocliques dos rappers discutidos na plataforma *YouTube*, além de suas discografias no período entre 1994-2014.

O livro está dividido em duas partes, na Parte I, basicamente, é abordada a articulação dos estereótipos coloniais com a emergência do “regime iconográfico de representação dos homens negros, que configura o imaginário racial coletivo dos Estados Unidos” (SANTOS, 2020, p. 35). Na parte II, são discutidos: o sistema iconográfico de representação racial, os códigos e símbolos de masculinização racial nas narrativas *Gangsta*, e as políticas das masculinidades negras na passagem dos séculos

XX-XXI. Tudo isso, como o autor faz questão de ressaltar, enfrentando desafios pessoais como falta de recursos financeiros, uso de perspectivas epistemológicas não canônicas, racismo institucional, ser um pesquisador negro e gay, e, não menos importante, enfrentar as ambiguidades de ser o Outro nuançado da pesquisa. Porém, seguindo com o firme propósito de difundir os debates acerca da iconografia sobre masculinidades negras para fora dos muros universitários.

A primeira parte do livro, *O Pimp e a borboleta: Gangsta Rap e o Regime Iconográfico de Representação das Masculinidades Negras*, pode ser entendida, sinteticamente, como um “exercício de decodificação das iconografias sobre as masculinidades rappers” (SANTOS, 2020, p. 102). Dito de outro modo, trata-se de apreender e contextualizar a estética do *Gangsta Rap* contida nos videoclipes dos rappers estudados em profundo diálogo com as representações imagéticas dos homens negros na cultura norte-americana. Para assim, interpelar os limites e possibilidades de resignificação da matéria-prima iconográfica mobilizada pelos rappers a partir do imaginário hegemônico sobre eles.

O historiador abre a discussão esquadrinhando a relação entre o *Gangsta* e o niilismo. O *Gangsta Rap* é apresentado como a dimensão mais radical do rap, uma vez que traz em seu discurso a rotina de violência com a qual muitos jovens negros têm de lidar, uma feroz crítica social e a glamourização da criminalidade e da devassidão. Santos então apresenta o panorama social de emergência do *Gangsta Rap*: de um lado a ascensão da nova direita, as políticas neoliberais da *Era Reagan* com seus desdobramentos nocivos (pobreza, desemprego, cortes em programas sociais, desestabilização das famílias negras, segregação, militarização das cidades etc.) para a comunidade negra. Por outro, as plataformas midiáticas com a (re)atualização das estereotípias raciais, assim como do longo racismo institucional norte-americano, dentre outros fatores, teriam produzido as condições materiais e simbólicas para o surgimento de “uma certa idolatria da morte”, na qual ceticismo, amoralidade, desejos e

prazeres materiais, ausência de expectativas e propósitos comporiam um cenário niilista no *Gangsta Rap* (SANTOS, 2020, p. 49-50).

Incorporando em suas reflexões o pensamento da intelectual negra feminista bell hooks (1995), Santos entende que o “niilismo negro” teria enfraquecido a capacidade de amar das pessoas negras, em especial das masculinidades dos *rappers gangsta*. No sentido de que as práticas coloniais, incorporadas às dinâmicas contemporâneas de dominação, violência, brutalidade e processos de zoomorfização da subjetividade e do corpo negro masculino teriam sido integradas no discurso e na iconografia *Gangsta*. O autor cita alguns exemplos: “Traficantes de drogas, assassinos, ladrões, prisioneiros, cafetões...” (SANTOS, 2020, p. 52), ou seja, seres incapazes de dar e indignos de receber amor.

Em diálogo com Cornell West, o comportamento criminoso seria um subproduto do niilismo, que ao alimentar a desesperança, a marginalidade sociopolítica dentro do panorama ideológico do *America Way of Life* teria impresso no homem negro um empenho desenfreado em galgar posições sociais na “grande selva capitalista”, ainda que através do crime e muitas vezes ao custo de suas vidas. Esse desafio à morte, seria uma “tradição masculina negra”, fruto da experiência histórica do “terror colonial”, em que “Masculinizar-se para os homens negros é aprender a perder o medo da morte”. (SANTOS, 2020, p. 57). Assim, tanto o *status* de sobrevivente (MBEMBE, 2016) como as masculinidades autossacrificiais fariam parte dessa tradição.

Em um segundo momento, o historiador se debruça mais detidamente sobre o sistema iconográfico de representação da população negra, considerado um relevante instrumento de dominação que nega aos homens negros “a oportunidade de serem reconhecidos como seres humanos e, sobretudo, como homens” (SANTOS, 2020, p. 61). Aqui se estabelece um importante vínculo entre humanidade e masculinidade, uma associação não muito comum nesse campo. De acordo com o autor, “É o signo da raça onde habita a subalternidade e a marginalidade do homem negro, porém, é a partir do

signo do gênero que sua humanidade é reivindicada” (SANTOS, 2020, p. 73). Isto é, ao generificar homens negros, e refletir sobre suas implicações, pode-se abrir a possibilidade de novos olhares que não sejam a mera desqualificação da masculinidade como algo tóxico e nocivo, enfim patológico, em que a “desconstrução” proposta por especialistas e curiosos não seja um dos principais jargões para “resgatar” a masculinidade de si própria.

Esse vínculo – entre masculinidade e humanidade – se apresenta no livro a partir da necessidade que homens negros tiveram ao longo dos últimos séculos de um enfrentamento sistemático contra justamente as práticas racistas que os emasculavam/desumanizavam. Desse modo, os símbolos de respeito, honra e autoridade são preferencialmente associados aos homens brancos, que a despeito de toda crítica teórica e política dos estudos de gênero e relações raciais em torno deles, tais símbolos se perpetuam no imaginário e na realidade concreta. O que não acontece com homens negros, que ao mesmo tempo que são também objeto de crítica, pouco espaço ainda é dado na literatura especializada brasileira e no espectro político para as contradições e potencialidades que permeiam suas experiências históricas e processos de masculinização.

Processos esses que remetem ao passado colonial com repercussões para a configuração das masculinidades *rappers*. Conforme Santos, em consonância com seus interlocutores teóricos, a experiência coletiva da escravização teria forjado masculinidades de homens negros que se apropriaram dos valores hegemônicos “como estratégias de sobrevivência aos sistemas de repressão e subordinação a que eles estavam sujeitos” (SANTOS, 2020, p. 72). A apropriação de tais valores (força física, controle, agressividade, patriarcalismo etc.) seriam hiperpotencializados na caracterização das masculinidades contra-hegemônicas que podem ser observados em uma tipologia organizada por Santos a partir de suas investigações sobre o material iconográfico. São elas: a) *O gangster e o gangsta*; b) *O pimp e o playa*; c) *O*

hipersexual; d) O boss/ businessman. Em geral, todos esses tipos de masculinidades negras *Gangsta* lidariam com símbolos de hipermasculinidade em constante tensão e embate com o regime de representação hegemônico sobre os homens negros nos Estados Unidos, quais sejam, Jim Crow, Coon, Uncle Tom, Mandingo/Buck e Magical Negro³. Com exceção do Mandingo/Buck, esses estereótipos estariam mais associados aos símbolos de emasculação como estupidez, preguiça e passividade.

Santos inicia a parte II do livro destacando que a questão que o interpelou ao longo do seu processo de investigação foi a busca em compreender a dinâmica das transformações pelas quais atravessam o sistema iconográfico de representação das masculinidades negras. Em vista disso, o debate sobre o agenciamento dos homens negros ganha relevo: “Podemos constatar, então, que os homens negros constroem suas masculinidades não em dinâmicas de mimetismo ou clonagem das masculinidades hegemônicas, mas sim de decodificações destas” (SANTOS, 2020, p. 110). Mesmo com limites, para o historiador, a prática da representação iconográfica pode ser considerada uma importante estratégia política negra, dado que é também “uma das mais eficientes tecnologias do racismo” (SANTOS, 2020, p. 111).

Depois de uma sofisticada reflexão sobre os meandros dos usos e desusos de todo um repertório hegemônico e contra hegemônico pela masculinidade negra, emerge o videoclipe como suporte privilegiado para inquirir as representações simbólicas agenciadas pelos rappers *Gangsta*. Para o autor, o videoclipe do *Gangsta Rap* expressa politicamente o “poder negro masculino” (SANTOS, 2020, p. 139) estabelecendo novas referências de masculinidade, e pela sua avassaladora força mercadológica, comercial e simbólica acaba obstruindo outras. Antigos estereótipos são glamourizados,

³ Aqui descrevo de forma sintética cada um desses arquétipos racistas: Jim Crow (corvo em inglês) se refere ao mesmo tempo as leis segregacionistas introduzidas no pós-abolição e aos homens negros tidos como idiotas, deficientes mentais e esfarrapados. Coon remete ao suposto comportamento indolente, leviano, malandro e glutão dos homens negros. Uncle Tom é o escravo subserviente e colaborador. Mandingo/Buck define o homem negro violento, selvagem, lascivo e impetuoso. Magical negro remete no cinema americano ao homem negro humilde, porém extraordinário, com poderes, conhecimentos excepcionais e mágicos, à serviço das pessoas brancas.

mercantilizados, “hiperbolizados”, forjando um padrão que tende a rechaçar, por exemplo, representações dos homens negros intelectuais, da classe trabalhadora, ou gays e trans (SANTOS, 2020, p. 142).

O panorama acima estimula Daniel dos Santos a compor um quadro que reúne os componentes basilares daquilo que ele chama de *Gangsta Box* e da maneira como eles aparecem nos videoclipes dos dois rappers: 1) O dinheiro se configura como o principal símbolo do poder econômico das masculinidades *rappers*, não raro aliado ao crime. Maço de dólares, malas cheias de dinheiro, luxo, ostentação e consumo desenfreado compõem os videoclipes dos dois rappers. 2) Bens e Propriedades se forjam como “extensões dos corpos dos rappers” (SANTOS, 2020, p. 152). Tecnologias de transporte, imóveis, armas de fogo, roupas, joias e drogas ilícitas são alguns exemplos dos bens duráveis e não duráveis de ostentação e consumo dos rappers. Conforme o autor, é como se esses itens fossem uma forma de compensação, de vingança pelo passado escravocrata de penúria e humilhação material que, juntamente com as armas, emprestariam à masculinidade *Gangsta* o poder simbólico e material necessários para seu prestígio, autonomia e defesa. 3) As Mulheres seriam propriedades ostentadas pelos rappers. A erotização e a sexualização do corpo feminino dão a tônica, com pouco espaço para o seu agenciamento fora das normas de gênero instituídas pela masculinidade *Gangsta*. Nesse sentido, fundariam, também, um regime de representação iconográfica das mulheres negras, reatualizando, em grande medida, estereótipos racistas “como a *jezebel*, a mulher negra promíscua e hipersexual, e as imagens distorcidas das matriarcas negras” (SANTOS, 2020, p. 162).

Em suma, ao longo do livro, Daniel dos Santos faz uma sofisticada e complexa análise sobre os elementos estéticos, simbólicos, éticos e comportamentais do *Gangsta rap* a partir das masculinidades. É um material que pode servir para subsidiar e dialogar com outros trabalhos sobre o hip-hop no Brasil, fornecendo ferramentas teóricas, metodológicas e políticas para tal. Do ponto de vista teórico, penso que o autor poderia

ter travado um debate mais crítico e desafiador com seus interlocutores, não usando-os somente como suporte e validação para sua investigação.

Por exemplo, uma assertiva muito comum dos intelectuais ligados ao feminismo negro, é a de que as mulheres negras ocupariam “a base da pirâmide social”, algo que o autor adere sem questionamentos. Não são apresentados os critérios usados para sustentar tal afirmação. Ainda que esse não seja um tópico central do debate, isso tem reverberações em seu exame sobre como as mulheres aparecem nos videoclipes dos rappers. Se o status dessas mulheres é o mais baixo da estrutura social, seu poder de agenciamento tende a ser minimizado nos videoclipes, enquanto o poder opressivo dos homens negros é maximizado com pouca nuance nesse processo. Ademais, o corpo feminino negro é, durante a maior parte do livro, visto apenas como um patrimônio e objeto a ser usado e descartado pela masculinidade *Gangsta*. Ao mesmo tempo que isso demonstra ser uma característica dessa masculinidade, exprime uma certa episteme que prima pelo destaque desses elementos ou interpreta-os dessa maneira. Um exercício posterior poderia ser a perscrutação da masculinidade e, por conseguinte, da feminilidade, através dos videoclipes das mulheres e dos *Queers* rappers ligados ao *Gangsta*.

Dito isso, *Como fabricar um Gangsta* é leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pelo hip-hop e pelas relações raciais, sobretudo pelo viés das masculinidades. O entusiasmo e erudição do autor impressiona e eleva o nível do debate para novos patamares.

Referências

- HOOKS, bell. Intelectuais negras. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.03, n.02, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. In: *Revista Arte & Ensaio*, n. 32, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 03 fev. 2022.

Recebido: 29/03/2022

Aceito: 18/07/2022